

Em Sintra chamam-lhe o “jornalista caminheiro” e a câmara local já lhe atribuiu, inclusivamente, o seu mais alto reconhecimento. No último dia 14 de janeiro, António Faias, que entrou no mundo dos jornais como aprendiz na tipografia do “Notícias de Beja”, recebeu das mãos de Fernando Seara a medalha de mérito municipal de grau ouro, premiando a sua “distinta carreira como jornalista” ao serviço do “Jornal de Sintra”. Uma vida dedicada ao concelho adotivo, mas sem nunca cortar o cordão umbilical que o liga à cidade mãe.

De aprendiz de tipógrafo a redator respeitado

Jornalista de Sintra com o “coração em Beja”

Recebeu recentemente a medalha de mérito municipal de Sintra, grau ouro. Como reage a este galardão?

Não é difícil de imaginar. Tem sido uma satisfação, nem todos a têm, mas também não são raros os que a têm. A Câmara de Sintra galardoa muitas individualidades da terra, em qualquer campo. Desta vez, tocou-me a mim e eu fiquei satisfeito por isso, embora não estivesse à espera. E fiquei até nervoso, por saber que depois teria que ir ao palanque, agradecer. Mas foi um dia bom, um dia feliz. A medalha está cá e ainda bem.



António Faias
82 anos, natural de Beja

Filho de um sapateiro e de uma costureira, interrompeu os estudos para aprender o ofício de tipógrafo no jornal “Notícias de Beja”. Consegue, em horário noturno, terminar o curso comercial, e, com 25 anos, rumo até Lisboa para um lugar de linotipista no então recém-fundado “Diário Ilustrado”. Segue para o diário “A Capital”, onde trabalhou também como revisor, e aí permanece até à reforma. Com mais tempo livre, começa a colaborar informalmente no “Jornal de Sintra” e, no início dos anos 90, a direção convida-o para integrar o seu quadro redatorial, onde chegou a desempenhar o cargo de editor.

Sente-se uma pessoa querida neste concelho?

Felizmente, sou. Mas isso tem que ver com o ser jornalista, porque é através dessa missão que eu me relaciono com a população e as coletividades. No meu caso, gerei amizades, e sou muito estimado, felizmente. Tenho essa sorte.

Reside em Sintra desde os anos 50. A esta distância, como vê a evolução de Beja e da sua região?

A nossa cidade esteve sempre bonita. Evoluiu, engrandeceu-se, criou bairros. Eu gosto muito de levar lá pessoas e toda a gente fica maravilhada. Ficam encantados com a limpeza das ruas, o trato das pessoas... Os edifícios principais estão iguais, mas o jardim do Bacalhau, quanto a mim, mudou para pior. O antigo era muito mais bonito e era para conservar, da mesma forma que se conservam os monumentos antigos. Não se devem fazer modernices para pior. O meu coração está em Beja, embora já não tenha lá família. A minha família, infelizmente, já mora toda no cemitério. Mas a minha cidade é Beja, tenho muitos amigos em Beja, de infância e outros que fui criando com o tempo. E todos os anos, em agosto,

passo lá uns oito ou 10 dias. Não dispenso o meu jardim, a praça da República, onde fui criado, porque nasci na rua dos Escudeiros. Enfim, mas a mudança na praça da República, para mim, também foi para pior. E, como eu, há muita gente que discorda daquela modificação.

Qual a sua perceção sobre a forma como se faz jornalismo atualmente?

É mais moderna, mas as pessoas escrevem como escreviam, com a diferença de que dantes escreviam à máquina ou à mão e agora escrevem nos computadores. Aliás, agora escreve-se é com liberdade, porque dantes a Censura não deixava. Hoje temos essa possibilidade, essa liberdade, o que é muito importante. Mas estas novas tecnologias, se por um lado vieram facilitar o trabalho, também vieram roubar postos de trabalho. Cada vez mais, os jornalistas vão sendo dispensados. Dantes precisava-se de muita gente para fazer um jornal, diário ou não. Acabaram-se, por exemplo, com postos de trabalho ao nível dos revisores de imprensa. Hoje, o próprio jornalista escreve, lê e o computador até corrige.

O que se ganhou e perdeu com as novas tecnologias?

O que se perdeu foi o desaparecimento de postos de trabalho, o que cada vez se agrava mais. Mas ganhou-se qualidade. Os jornais têm mais qualidade do que tinham antigamente. Qualidade, muitas vezes, gráfica. Não quer dizer que tenhamos melhores escritores, jornalistas. Porque, esses, houve-os sempre. Houve sempre grandes escritores. Beja teve um escritor grande no “Diário do Alentejo”, que foi o Manuel Garrido, depois o Moedas... Beja teve escritores de nome também, o que não foi o meu caso, eu aí era tipógrafo só. **Carla Ferreira**